

FORMAÇÃO SUPERIOR E ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PIANISTAS:

Um estudo a partir das percepções e trajetórias de egressos dos cursos de Bacharelado da UFMG e UEMG

Islei Mariano Correa Hammer (UEMG)
isleicorrea@gmail.com

RESUMO

A presente pesquisa propõe analisar as relações existentes entre a formação acadêmica e a atuação profissional por meio da perspectiva de egressos dos cursos de Bacharelado em Piano (UFMG e UEMG). Esse estudo pretende identificar como os egressos relacionam os aspectos da sua formação acadêmica e atuação profissional. Os dados foram coletados por meio de questionários e entrevistas realizadas com pianistas (formados entre 2011 e 2015), e foram confrontados com os documentos legais federais e institucionais que regem os cursos de Bacharelado em Música.

Palavras-chave: formação acadêmica; atuação profissional; bacharelado em piano, egressos.

ABSTRACT

This research proposes analysing the existing relationships between academic education and professional performance through the perspective of graduates of the Bachelor's degree courses in Piano (UFMG and UEMG). This study aims to identify how the graduates relate the aspects of its academic education and professional performance. The data was collected through questionnaires and interviews conducted with pianists (graduated between 2011 and 2015), and were confronted with the federal and institutional legal documents that rule Bachelor's degree in music courses.

Keywords: academic education; professional performance; Bachelor's degree in piano, graduates.

Introdução

Esse trabalho apresenta os resultados da pesquisa de mestrado de mesmo nome, cujo objetivo geral foi compreender a relação que egressos do curso de bacharelado em música – piano fazem entre a formação acadêmica e a atuação profissional. Este tema de pesquisa emergiu da percepção compartilhada por mim e por muitos colegas bacharéis, de que existem diferenças entre a formação dos pianistas e as exigências encontradas para a atuação profissional.

Bacharel em Piano pela UFRJ e com pós graduação em Weimar, na Alemanha, eu percebi que, mesmo após anos de estudo do instrumento, além de outras disciplinas consideradas fundamentais para a formação do músico, minha inserção profissional não foi fácil e nem ao menos natural. Em 2001 fui contratada para ser pianista do Coral do Amazonas em Manaus, e notei que, apesar de tantos anos de estudo do instrumento, eu não estava preparada para fazer o que me era pedido durante os ensaios, como por exemplo, encontrar as vozes específicas do coral na partitura, tocar em instrumentos eletrônicos como teclados,

órgãos ou pianos digitais, e ainda tocar partituras de reduções para piano, que pareciam trazer notas demais e eu não sabia como simplificá-las. Ao mesmo tempo em que era pianista do Coral, comecei a dar aulas de piano na Universidade do Amazonas, no curso superior de música que havia sido recém-inaugurado. Também na área da docência eu senti certa limitação das minhas capacidades, pois, devido a minha formação ter sido na área da performance, não estava familiarizada com métodos de ensino de música atualizados, e acabava ensinando da mesma maneira que havia aprendido.

Aos poucos fui aprendendo na prática a atuar profissionalmente. Ao me mudar para Belo Horizonte trabalhei com ópera e coral no Palácio das Artes, e dessa vez já me sentia melhor preparada. Da mesma forma ao ingressar como professora e pianista da UEMG, percebi que os anos de prática tinham me dado uma bagagem de informações que me ajudaram na minha atuação profissional.

Ao longo dos anos, conversando com colegas músicos, percebi que a minha falta de capacidade inicial para atuar como pianista, e também minha insegurança ao lecionar, foram semelhantes às dificuldades encontradas por muitos, senão por todos, que se formaram e se depararam com os diferentes campos de trabalho. Quando eu relatava os problemas por mim enfrentados, muitas vezes ouvia de colegas comentários como, “Ah, mas com todos os instrumentos é assim”, ou “Eu também não aprendi a tocar em orquestra na faculdade”, ou ainda, “No começo eu tocava de graça mesmo, só para pegar prática”. Apesar de ser uma situação bastante crítica, senti uma certa resignação de meus colegas músicos em relação à formação acadêmica que tiveram, especialmente no tocante ao bacharelado, uma vez que aceitavam que este não os havia preparado para as situações que eles encontraram no seu meio de atuação profissional.

Intrigada com esta situação que me parecia recorrente, iniciei então uma busca por trabalhos acadêmicos e artigos que discutissem a problemática que envolve o presente estudo, ou seja, as diferenças existentes entre a formação dos bacharéis em piano e as exigências das diferentes possibilidades de atuação profissional. Encontrei uma expressiva literatura¹ na produção acadêmica brasileira, que trata não exclusivamente do bacharelado em piano, mas de todo o campo da educação superior em música, trazendo como tema a formação e a atuação do músico. É possível perceber que as diferenças entre formação e atuação já foram

¹TOURINHO, 2016; MIRANDA, 2015; COUTINHO, 2014; MONTENEGRO, 2013; CERQUEIRA, 2010; MUNIZ, 2010; MUNDIM, 2009; AQUINO, 2007; OLIVEIRA, 2007; REQUIÃO, 2005; FREIRE, 2001; BARROS, 1998.

apontadas em muitos trabalhos, e que em vários deles, os autores propõem algumas alternativas para os problemas.

Com o objetivo de compreender melhor a situação que envolve os pianistas formados nos cursos de bacharelado e a sua realidade face à atuação profissional, proponho realizar um estudo com egressos dos cursos de Bacharelado em Instrumento – Piano, das Universidades Federal e do Estado de Minas Gerais. Dentre as questões norteadoras desse estudo, apresento: Qual a relação entre a formação do bacharel em piano e sua atuação profissional? Como o egresso do curso de Bacharelado em Piano se sente em relação ao seu curso e em relação à sua atuação profissional?

Metodologia

O caminho escolhido para a minha pesquisa foi o estudo exploratório, que, de acordo com Gil (2008), tem “o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (p. 27). Segundo o autor, as pesquisas exploratórias são as que apresentam menor rigidez no seu planejamento, podendo envolver levantamento bibliográfico ou documental, entrevistas ou estudos de caso. Na revisão de literatura foram encontrados significativos trabalhos tanto na área de formação de pianistas como também na sua atuação profissional, o que me assegurou sobre a importância e a atualidade do tema.

A segunda parte da pesquisa foi um estudo com egressos da UFMG e UEMG, formados em Bacharelado em Piano entre os anos de 2011 e 2015. De acordo com Dazzani e Lordelo (2012), “a pesquisa com egressos tem se mostrado um recurso metodológico extremamente rico [...] Tais estudos ajudam a compreender de que maneira os egressos se apropriam das informações, habilidades e ferramentas supostamente oferecidas pelo programa educativo” (DAZZANI; LORDELO, 2012, p. 19). Para o contato com os egressos foram escolhidas duas ferramentas: o questionário e a entrevista.

A escolha do questionário semiestruturado – composto de perguntas fechadas e abertas – deu-se pela abrangência de perguntas que poderiam ser feitas, e pela facilidade da coleta dos dados, uma vez que este poderia ser respondido por escrito e sem a presença do entrevistador (MARCONI, LAKATOS, 2003, p. 199). A plataforma escolhida foi o *Google Forms*², por sua facilidade de elaboração, envio, modo de responder e visualização das

²*Google Forms* é uma ferramenta da empresa Google Inc. que cria formulários personalizados para pesquisas e questionários, sem qualquer custo, para que sejam respondidos *on line*.

respostas, tudo feito *on line*. Os nomes e contatos dos egressos foram obtidos através dos coordenadores de curso das duas instituições, e ao todo foram enviados questionários a 26 egressos e obtidas 9 respostas. De acordo com Marconi e Lakatos (2003), a porcentagem de retorno dos questionários era esperada: “Em média, os questionários expedidos pelo pesquisador alcançam 25% de devolução” (p. 199).

Conceitos

Um conceito que foi mencionado por vários autores pesquisados por mim na literatura acadêmica, foi o *modelo conservatorial* de ensino de música, notadamente presente em muitas instituições de ensino superior. Autores como Reis (2014), Freire (2011) e Coutinho (2014) já identificaram a influência de tal modelo na formação superior do país. Mas de que se trata tal modelo?

Pereira (2014) descreve tal modelo como sendo o ensino de música baseado nos conservatórios do século XIX, que no Brasil se reflete em características como:

- o ensino aos moldes do ofício medieval – o professor entendido, portanto, como mestre de ofício, exímio conhecedor de sua arte;
- o músico professor como objetivo final do processo educativo (artista que, por dominar a prática de sua arte, torna-se o mais indicado para ensiná-la);
- o individualismo no processo de ensino: princípio da aula individual com toda a progressão do conhecimento, técnica ou teórica, girando em torno da condição individual; a existência de um programa fixo de estudos, exercícios e peças (orientados do simples para o complexo) considerados de aprendizado obrigatório, estabelecidos como meta a ser alcançada;
- o poder concentrado nas mãos do professor – apesar da distribuição dos conteúdos do programa se dar de acordo com o desenvolvimento individual do aluno, quem decide sobre este desenvolvimento individual é o professor;
- a música erudita ocidental como conhecimento oficial; a supremacia absoluta da música notada – abstração musical;
- a primazia da performance (prática instrumental/vocal);
- o desenvolvimento técnico voltado para o domínio instrumental/vocal com vistas ao virtuosismo; a subordinação das matérias teóricas em função da prática;
- o forte caráter seletivo dos estudantes, baseado no dogma do “talento inato” (PEREIRA, 2014, p. 93 e 94).

Embora sua pesquisa seja no campo da Licenciatura em Música, Pereira (2014) acredita que o *habitus conservatorial* seja próprio do campo artístico musical, e que, devido à correlação entre campo artístico e campo educativo, tenha sido transposto para a licenciatura. O autor reforça que o currículo orientado por tal *habitus* traz a música erudita como única referência, e que, conseqüentemente, as outras disciplinas do curso acabam por se referir também a tal repertório. Desta forma autor constrói o conceito de *habitus conservatorial*, que

vem a influenciar as práticas curriculares e pedagógicas não apenas das licenciaturas em música, mas, em minha opinião, os cursos superiores de música em geral.

Os questionários

Meu contato com os egressos dos cursos de Bacharelado em Piano de Belo Horizonte ocorreu em duas fases. Na primeira fase, como explicado nos procedimentos metodológicos, foi enviado um questionário semiestruturado no modelo *Google Forms* a vinte e seis ex-alunos das Universidades Federal e do Estado de Minas Gerais que se formaram entre 2011 e 2015, intitulado “Estudo sobre a relação entre a formação acadêmica da Graduação em Bacharelado em Piano e a atuação profissional”, e para o qual obtive nove respostas.

Mesmo em não se tratando de uma regra, é percebido que boa parte dos alunos que prestam vestibular e são aprovados para cursar a Graduação em Música: Bacharelado em Piano, vem de uma trajetória de estudo de música, que inclui ao menos alguns anos de estudo de piano. Na prova de habilidade específica para a admissão no curso de Bacharelado, o candidato deve executar peças que demonstrem certa capacidade técnica e expressiva no instrumento, conhecimento de repertório, linguagem musical e de fundamentos teóricos.

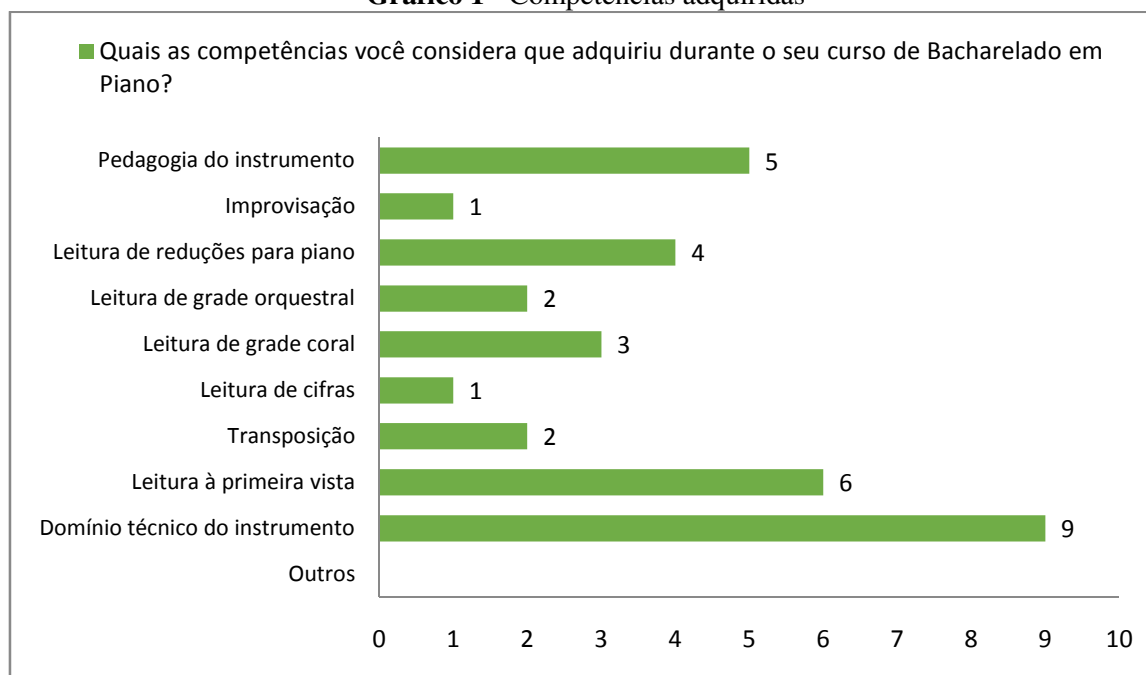
No questionário *online* eu perguntei aos participantes quais as razões os levaram a ingressar no curso de bacharelado em piano, e as duas respostas mais marcadas foram: *estudar com determinado professor e aprimoramento técnico*. Outras opções com mais de uma resposta foram *ter contato com outras disciplinas, aprender a tocar música clássica e ser professor de instrumento*. Já as opções preenchidas pelos próprios participantes, na opção “outros”, foram *a ilusão de que ia me preparar para o mercado de trabalho, por gostar de música, sem razões claras e seguir a profissão de músico*.

Em relação às expectativas para o curso escolhido, os entrevistados falaram que pensaram que iriam “tocar muito piano”, “tocar música erudita”, “fazer recitais e concertos”, enfim: tocar. Também foi mencionado ao desejo de “imersão na música erudita”, “conhecer a história da música”, dos “grandes compositores”. Havia também a expectativa de “aprender coisas novas”, “novas músicas”, “novas linguagens musicais”, além de trabalhar em conjunto com outras especialidades como cinema, teatro e eventos. E, por fim, o desejo de estudar com determinado professor de piano. A escolha do professor de piano, aliás, é muito importante para o aluno, e na maioria das vezes tal escolha já foi feita antes mesmo de o aluno ingressar no curso, por meio de contato anterior com determinado professor. Reis (2014), ao tratar a

importância e a centralidade do professor de instrumento em sua pesquisa, revelou que a expectativa com relação a tal profissional “é tão poderosa que não raramente a escolha da universidade decorre da escolha do professor de piano com quem se deseja estudar” (p. 32). Um dos entrevistados relatou que quase desistiu do curso por não ter conseguido estudar com quem pretendia.

Interessada em saber a opinião dos egressos acerca das competências adquiridas durante o curso de bacharelado em piano, conversei com alguns colegas e também com alunos de piano para escolher as habilidades que colocaria nas alternativas de resposta oferecidas no questionário *online*. Meu receio era, pelo fato de eu atuar profissionalmente como pianista e professora, esquecer de alguns aspectos da formação que, mesmo que para mim parecessem menos relevantes, teriam grande importância para os participantes da pesquisa.

Gráfico 1 - Competências adquiridas



Fonte: Questionário *online*. Elaborado pela autora.

Ao analisar as respostas acima, percebe-se que a única alternativa que foi assinalada por todos foi *domínio técnico do instrumento*. Acredito que esse fato se dê em consequência da influência do modelo conservatorial, descrito anteriormente, e que, segundo Reis (2014), foi fundado sobre uma “ideologia da especificidade, que visa à formação específica de instrumentistas – de preferência solistas” (REIS, 2014, p. 42). Outras habilidades como leitura à primeira vista e pedagogia do instrumento, assinaladas por mais da

metade dos participantes, mostram que houve uma preocupação, tanto por parte das instituições quanto por parte dos alunos, na escolha de disciplinas que contribuíssem não só com a formação como pianista, mas também na eventual escolha profissional.

Para conhecer um pouco mais sobre a atuação profissional dos participantes, pergunto em que área ele já atuou no passado.

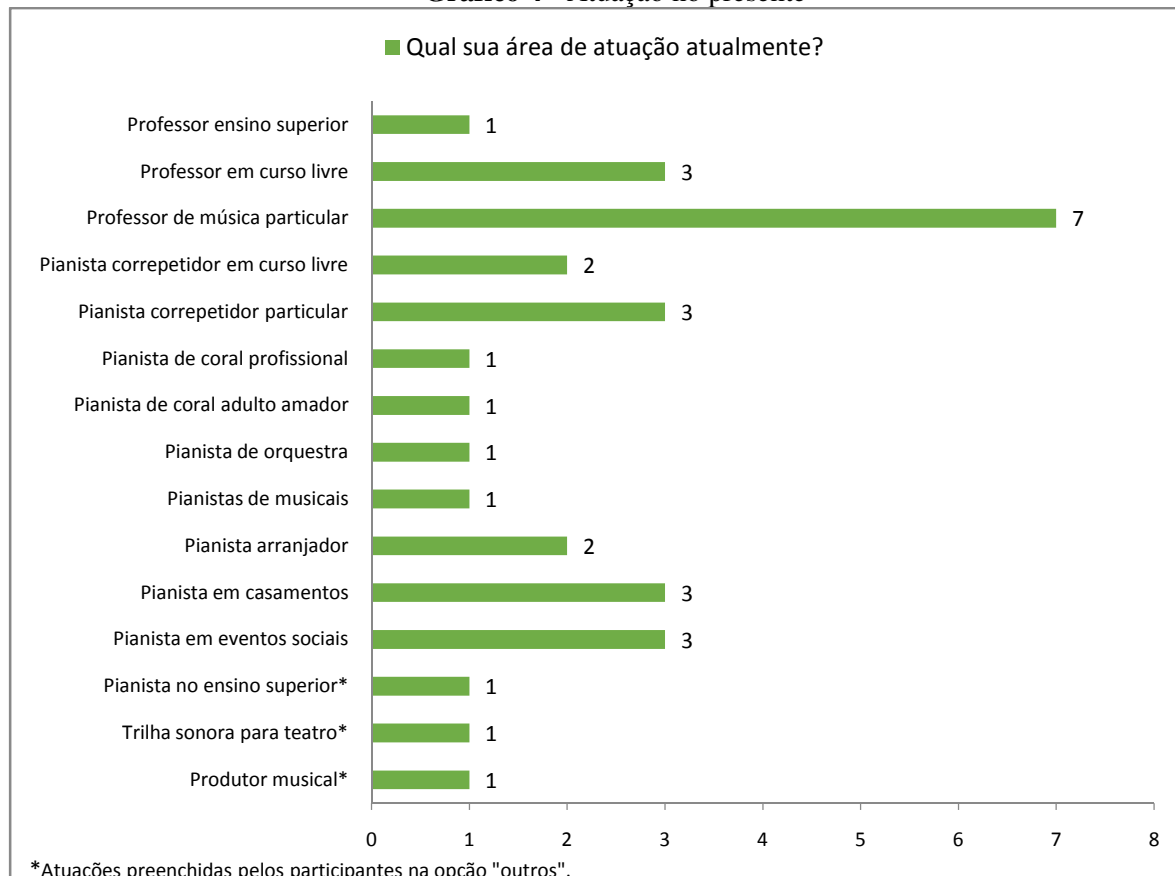
Gráfico 3 - Atuação no passado



Fonte: Questionário *online*. Elaborado pela autora.

Vale ressaltar a diversidade de atuação profissional encontrada nas respostas dos participantes. Isso mostra, a meu ver, que o pianista é um profissional versátil que pode atuar de várias formas e em ambientes diversos.

Sem a pretensão de descobrir novas formas de atuação que não se encontravam na pergunta anterior, pergunto a área de atuação dos participantes nos dias de hoje, para compreender de que maneira eles, agora portadores de diploma de ensino superior, exercem sua profissão.

Gráfico 4 - Atuação no presente

Fonte: Questionário *online*. Elaborado pela autora.

Ao enumerar as atuações profissionais dos egressos participantes da minha pesquisa, foi possível notar uma diversidade expressiva de atividades realizadas por eles. Tal situação vem reafirmar o que Aquino (2008) observou em sua pesquisa, que o músico exerce várias atividades profissionais concomitantes, dando a ele o que a autora chamou de “perfil *multiface*” (p. 3). A docência, em minha pesquisa assim como na pesquisa de Aquino, aparece nos resultados como a mais frequente, ficando constatado que todos os participantes já atuaram, em algum momento, como professor. Segundo a autora, essa escolha se dá pela profissão ser mais segura e trazer mais garantias. Cerqueira (2010), ao entrevistar 35 pianistas para sua pesquisa, registrou, da mesma forma, que a maioria atua como professor de instrumento.

Considerando a diversidade de atuações profissionais dos bacharéis em piano, pode-se afirmar que é impossível um curso preparar seus alunos para todas as situações que este irá encontrar, mas como forma de compreender um pouco mais sobre a formação, através da perspectiva do mercado de trabalho, perguntei aos entrevistados sobre suas impressões acerca do papel do seu curso de graduação na preparação para o mercado. Sete, dos nove

participantes, responderam que o curso os preparou *apenas parcialmente* para o mercado de trabalho. Entre os participantes que justificaram tal escolha, dois atribuíram a preparação ao seu professor de piano, que os orientou quanto às possibilidades de atuação e os incentivou a trabalhar vários aspectos da profissão. Outros participantes relataram que as instituições possuem poucas disciplinas voltadas para o mercado de trabalho, e que, quando estão presentes, muitas vezes são mal administradas, tornando-se “apenas espaços de exposições das pesquisas acadêmicas dos respectivos professores”. Segundo um sujeito da pesquisa, para atuar no mercado de hoje é preciso ter versatilidade, mas pelo foco do curso ser preparar solistas, quando o egresso percebe que não vai viver de concertos, acaba dando aulas de piano sem ter formação pedagógica para isso.

O participante que respondeu *sim*, acredita que a proposta do curso não seja de preparar para o mercado, e sim “torná-lo competente no que se propõe a fazer”. Ele acredita que para atender as necessidades do mercado seja necessário “muito mais que apenas o conhecimento teórico/prático que a academia proporciona”. O participante que assinalou *não*, justificou sua escolha descrevendo o curso como “apenas um curso técnico que ensina a tocar piano utilizando partituras”.

Na visão dos participantes da pesquisa, o curso de bacharelado em piano não os preparou totalmente para atuar no mercado de trabalho, o que, a meu ver, teria sido muito difícil, uma vez que foi constatada uma expressiva diversidade de possibilidades atuações profissionais. Entretanto, observei que em duas justificativas os egressos apontaram seu professor de piano como o principal responsável por fornecer o direcionamento profissional, demonstrando que o profissional foi além da sua “função” de ensinar técnica e interpretação preocupando-se também em preparar seu aluno para as possibilidades do exercício da função de pianista, oferecendo a ele a oportunidade de planejar e escolher seu caminho.

Por fim, ciente de que os entrevistados possuem hoje uma visão do mercado de trabalho diferente da qual possuíam quando eram estudantes, e tendo em vista a sua atuação profissional, pergunto se, ao olhar para o curso que frequentaram, e tendo em vista a atuação profissional, eles consideram que poderiam ser incluídas outras disciplinas no currículo do curso de bacharelado em piano. Seis participantes responderam que *sim*, um respondeu *não*, e dois disseram não saber.

Para complementar a pergunta anterior, foi pedido aos participantes que exemplificassem suas escolhas com algumas disciplinas que eles consideram que poderiam ser incluídas no curso de bacharelado em piano. Os participantes sugeriram disciplinas pedagógicas para piano, disciplinas sobre gestão, produção e elaboração de projetos, música

popular, improvisação, música para eventos, cinema, teatro e games, além de disciplinas de escrita para conhecer as áreas de pesquisa. Por fim, os participantes relataram que a formação acadêmica poderia trazer um pouco mais da visão do mercado de trabalho, para que o aluno possa estar consciente das escolhas que faz durante sua formação.

Considerações finais

Após conhecer as concepções dos egressos acerca dos aspectos envolvidos na formação e atuação dos pianistas, compreendi que a formação, apesar de tradicional, se mostrou de grande importância para eles, que falam com orgulho de ter aprendido a tocar o repertório europeu durante o curso, mesmo que não executem esse repertório em seus espaços de atuação. Tais concepções são coerentes com a análise de Aquino (2008), quando afirma que os pianistas têm um perfil *multiface*, pois estes estão dispostos a aprender a atuar em outras áreas, mesmo que tenham que buscar aprendizado fora da formação acadêmica.

Embora este estudo não pretenda generalizar a situação da formação e atuação profissional dos pianistas brasileiros, ele traz questões importantes para repensarmos o curso de bacharelado em piano nos contextos de atuação profissional no país. Uma vez que a Resolução de 2004 (Brasil, 2004, p. 2) delinea o perfil do egresso do curso de graduação a partir de uma “capacitação para apropriação do pensamento reflexivo, da sensibilidade artística”, bem como, da “sensibilidade estética através do conhecimento de estilos, repertórios, obras e outras criações musicais”, e com isso, revelar “habilidades e aptidões indispensáveis à atuação profissional na sociedade, nas dimensões artísticas, culturais, sociais, científicas e tecnológicas, inerentes à área da Música”, estariam os cursos de bacharelado contemplando essas dimensões? Ao reproduzirmos o modelo conservatorial na formação do bacharel em piano, estamos desenvolvendo essas habilidades e aptidões indispensáveis à atuação profissional na sociedade?

Por ser pianista, egressa do curso de bacharelado, tenho consciência de que muitas das minhas impressões foram influenciadas por meus sentimentos, minhas concepções, interesses, preferências e inclinações profissionais. Talvez esse tenha sido, ao mesmo tempo, o meu maior desafio e o meu maior aprendizado: olhar para a formação e atuação profissional de colegas de profissão de maneira afastada de minha experiência. Acredito que a maior contribuição deste trabalho seja a reflexão acerca da complexidade dos processos que envolvem a formação acadêmica e a atuação dos pianistas. Concluo, aspirando que o caminho para a formação profissional dos bacharéis possa cada vez mais se configurar como “um lugar

central ao ensino prático reflexivo como um ambiente para a criação de pontes entre a escola e os mundos da universidade e da prática” (SCHÖN, 2000, p. 234).